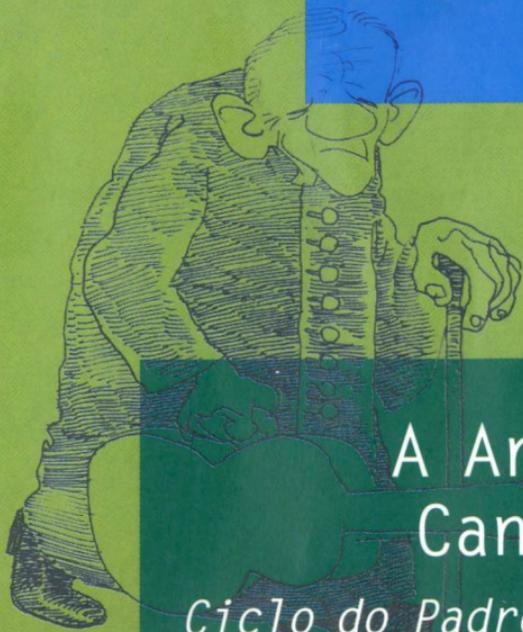


CD 06
13010
05-13



A Arte da Cantoria

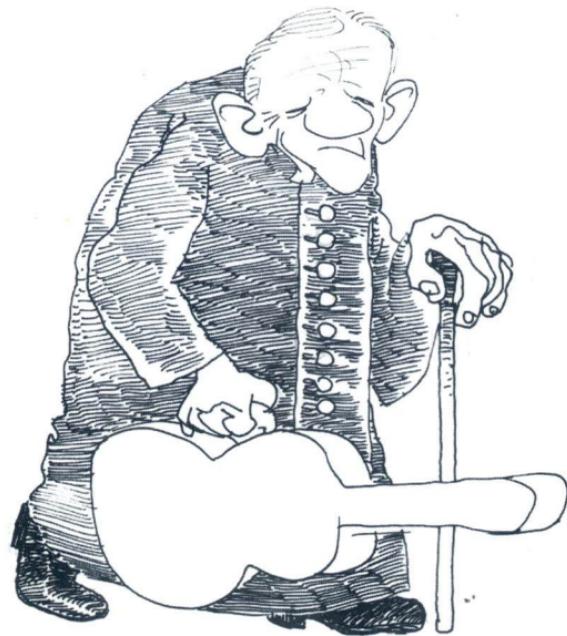
Ciclo do Padre Cícero

Coleção Musical **Itaú cultural**

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

A CERVO FUNARTE
DA MÚSICA BRASILEIRA

Presidente da República Federativa do Brasil Fernando Henrique Cardoso
Ministro de Estado da Cultura Francisco Corrêa Weffort
Secretário de Apoio à Cultura do Ministério da Cultura José Álvaro Moisés
Presidente da Fundação Nacional de Arte (Funarte) Márcio Souza
Diretor do Departamento de Ação Cultural da Funarte Gilberto Vilar de Carvalho
Coordenadora de Música da Funarte Valéria Ribeiro Peixoto
Presidente da Associação de Amigos da Funarte Arnaldo Niskier



A Arte da
Cantoria
Ciclo do Padre Cícero

A ARTE DA CANTORIA

Mediante a série *A arte da cantoria*, o Instituto Nacional do Folclore procura documentar e divulgar as diversas manifestações da poética popular nordestina e a música que a caracteriza.

Este disco focaliza a cantoria nordestina em torno do tema do Padre Cícero, personagem central de um grande movimento de devoção popular.

A criação poética e musical da chamada área da cantoria encontra sua expressão maior na poesia impressa sob a forma de folhetos e na poesia improvisada dos repentistas. A estas, vêm juntar-se as canções - pequenos poemas cantados - e os benditos - cantos de devoção que os fiéis entoam nas festas religiosas.

A temática do disco, examinada no texto do encarte, é uma das mais constantes na inspiração dos poetas populares. A importância da figura do Padre Cícero Romão Batista foi assinalada nas classificações temáticas dos estudiosos da poesia popular, refletindo a profunda repercussão da imagem do padre no espírito da população e o potencial de criação despertado pela religião. Assim, na classificação adotada pela Casa de Rui Barbosa, elaborada sob a orientação do prof. Manuel Cavalcanti Proença, os folhetos sobre o Padre Cícero constituem um ciclo, ao lado dos de Carlos Magno, Lampião, Getúlio Vargas e outros. Alguns pesquisadores preferem falar de ciclo religioso, ou ainda de ciclo do fanatismo e do misticismo, em que se inserem, de imediato, as poesias sobre o padre.

As poesias aqui registradas, em sua forma oral e cantada, tratam da biografia do Padre Cícero, marcada por milagres e sinais de santidade, de suas profecias e de histórias exemplares de arrependimento e conversão. Constatam a extraordinária fé popular manifestada nas romarias que se fazem a Juazeiro do Norte, no Ceará, e a crença nos poderes das relíquias do padre. Os poetas também, eles mesmos, afirmam sua fé e defendem intransigentemente o "padrinho" Cícero.

As canções, os benditos e os folhetos sobre o Padre Cícero são divulgados em todo o Nordeste, mas sobretudo em Juazeiro, onde encontram um público especialmente interessado. As cantorias improvisadas também tratam, eventualmente, de temas religiosos do gosto dos ouvintes.

Cantadas com ou sem acompanhamento de viola e recitadas, as peças vivem principalmente graças à transmissão oral. Por esse motivo, adotou-se a gravação sonora, em que os próprios poetas e cantadores interpretam suas obras, como o meio mais adequado de registro e divulgação. Esta edição constitui, portanto, uma representação abreviada do

universo variado e em constante expansão da cantoria em torno do Padre Cícero.

Amália Lucy Geisel
Diretora do INF

CICLO DO PADRE CÍCERO

A chamada literatura de cordel do Nordeste tem suscitado, nas duas últimas décadas, um vivo interesse dos estudiosos da arte literária. De fato, vários pesquisadores brasileiros e estrangeiros têm-se dedicado a examinar, sob os mais diversos aspectos, essa produção poética, atestando a sua importância e a riqueza de sua temática e de seus recursos expressivos.

Conforme sugeri em obra anterior (1), as raízes da literatura de cordel estendem-se à arte jogralesca da Idade Média, à tradição dos "jograis de gesta", cuja atividade foi profundamente estudada por Ramón Menéndez Pidal (2). Que fique, pois, registrada a convicção de que a poesia popular não é um subproduto da literatura, tendo ocupado finalmente o lugar que lhe cabe no conjunto dos estudos literários, mesmo que alguns críticos ainda relutem em reconhecer esse inegável direito.

Sabemos o que significa para a população sertaneja a atividade do poeta popular, que, como o jogral medieval, é intérprete das aspirações de seus ouvintes; identifica-se com eles, porque é um deles; sabe exatamente como e o que dizer para mais de perto responder aos gostos do seu público, mantendo com esse público íntima ligação, uma vez que seu ofício, como o dos antigos jograis de gesta, é agradar, divertir e, no dizer do poeta Manoel Camilo dos Santos, "instruir" o povo. Daí sua função de porta-voz, de representante de sua classe social; distingue-se pelo dom especial de poder sentir e dizer de modo diferente o mundo que o cerca. Entende-se, assim, essa espécie de fascínio que a literatura de cordel exerce sobre a grande maioria da população do Nordeste e a ampla divulgação que encontra em todos os estados da região e entre os nordestinos que emigram para o sul.

A poesia popular do Nordeste é veiculada, de maneira geral, sob a forma de poema épico, impresso - folhetos -, mas a cantoria - oral e improvisada - dos cantadores repentistas, herdeira das "tenções" medievais, tem igualmente ampla popularidade e muitas vezes é registrada e divulgada sob a forma escrita, como os famosos desafios e pelejas. A par dessas duas formas básicas vários outros tipos de composição são utilizados pelos poetas populares, entre os quais estão as canções e os benditos, de que aqui se dão exemplos.

A canção é um poema que não tem forma fixa, podendo apresentar metros variados. É impressa em folhas soltas ou volantes e cantada por violeiros, quase sempre sob a forma de redondilhas, como nas estrofes do Rouxinol do Norte e de Caetano Cosme da Silva (faixas 1 e 2), embora outras formas também sejam usadas, como em *Promessa ao Padre Cícero*, de João Bandeira (faixa 3). O bendito é uma oração começada por esta palavra, espécie de louvação, que antigamente se cantava diante do Santíssimo e ainda hoje se canta nas procissões. Em Juazeiro do Norte, os benditos são compostos em louvor à vida e à obra do Padre Cícero, como é o caso dos poemas *Em junho* e *Em Juazeiro* (faixa 4), cujos intérpretes são crianças que ganham a vida cantando louvores à venerada figura do "padrinho".

A cantoria improvisada sobre temas relacionados ao Padre Cícero (sua vida, os milagres que lhe são atribuídos, as romarias e a devoção popular) é aqui exemplificada pelas modalidades tradicionais das sextilhas (faixa 5), *Oito pés a quadrão* e *Dez pés a quadrão* (faixa 6).

Os poemas épicos tratam dos mais diversos temas, abrangendo notícias da atualidade, sátira social, religião, contos fabulosos, fenômenos fantásticos, profecias, histórias romanescas, vida de personalidades famosas, como cangaceiros, homens públicos, santos etc. Entre estes últimos, ocupa lugar de destaque a pessoa do Padre Cícero Romão Batista: "É de longe a primeira figura dos folhetos"(3). O catálogo da Casa de Rui Barbosa arrola 66 títulos inteiramente dedicados ao Padre Cícero, sua vida, seus milagres, suas profecias, seu testamento, seu papel de protetor dos desafortunados, marginalizados e despossuídos. É chamado "santo", um enviado do céu, sendo indiretamente comparado a Jesus Cristo, como sugere, por exemplo, o título do poema de Geraldo Amâncio (faixa 7): *Vida, sofrimento e glória do Padre Cícero Romão*, que não se pode deixar de associar à "Vida, Paixão e Ressurreição". Outros poetas, como Caetano Cosme da Silva, referem-se à reencarnação e à volta do Padre Cícero no final dos tempos (faixa 2):

.....
Tenha paciência
Ele voltará
Quando Jeová
Der-lhe nova existência
.....
Com o poder na mão
De reencarnar

E continuar
Esse velho sermão

O "padrinho" já foi mesmo igualado às pessoas da Santíssima Trindade. Assim, o poeta João Mendes de Oliveira, um dos mais exaltados e fecundos cantores das virtudes do Padre Cícero, levou sua admiração ao exagero, no folheto *Proteção da mãe de Deus*:

.....
Porém posso conhecer
De tudo quanto é verdade!
Mas sei que não digo à toa:
Padre Cícero é uma pessoa
Da Santíssima Trindade!

Na crença do povo, como atestam muitos poemas, a morte do patriarca é cercada de mistério, envolvendo uma séria de sinais indicativos da divindade. É o que diz esta estrofe do bendito *Em junho* (faixa 4):

O céu encheu de alegria
A terra emudeceu
Os anjos no céu cantaram
Na hora em que ele morreu
O povo ficou de luto
A cidade entristeceu

Também o seu nascimento é referido como um fato sobrenatural, que os versos de "Rouxinol do Norte" remetem ao nascimento de Jesus (faixa 1):

.....
O mundo alegrou-se
E um anjo desceu
Foi quando nasceu
O Cícero Romão

Todavia, de todos os assuntos relacionados com o "padrinho", as profecias merecem um exame especial, não só pela sua popularidade como pela sua importância dentro da

tradição oral desde tempos imemoriais. O caráter divino do Padre Cícero era fato indiscutível entre os romeiros que o buscavam, enfrentando toda sorte de privações e sofrimentos em infundáveis caminhadas pelas mais inóspitas regiões, na esperança de curas milagrosas, salvação eterna, perdão de crimes passados, enfim, à procura do Paraíso. "O povo de Juazeiro sempre lhe atribuía qualidades excepcionais de santidade e profecia. Ao lado do reconhecimento público das alegadas visões do clérigo, não se pode negar que até suas ações mais ordinárias eram freqüentemente tidas como inspiração sobrenatural"(4).

Essas "visões" acontecem quase sempre sob a forma de sonho e nelas aparece uma figura divina (Cristo, Nossa Senhora), que incumbe o Padre Cícero de uma missão: instruir, amparar, "salvar" o povo pobre do Nordeste. Geraldo Amâncio vê assim essa passagem (faixa 7):

.....
Apontando para os pobres
Cristo se vira de novo
E disse você Padre Cícero
Tome conta desse povo

Como Cristo, o "padrinho" é redentor do seu povo:

Sessenta anos na terra
Entre o furor do incrível
Lutei contra satanás
Remi a culpa do réu
Salvei o povo romeiro
Fiz a escada para o céu (3)

Um grande número de folhetos refere as profecias do Padre Cícero a respeito do fim do mundo e de todas as calamidades que anunciarão o dia do juízo. O bendito *Em junho* também faz menção às profecias:

O que padrinho disse no tempo passado
Que já se viu, está se vendo e vai se ver
Que já chegou os sinal do fim da era
Está no tempo do povo se arrepender

Chegou a fome, chegou a carestia
Chegou a guerra, o desastre e os horrores
Chegou a seca, os temor e os sofrimento
O padecimento e o príncipe das dores

No dia do Juízo, o "padrinho" descerá do céu "ombro a ombro" com o Deus Eterno, conforme afirma João de Cristo Rei (*Palavra de padrinho Cícero sobre o mistério de Juazeiro*).

Na verdade, as profecias, tão populares na literatura de cordel, nada mais fazem que dar continuidade a um dos mais tradicionais temas da literatura popular. Já fazia parte da Biblioteca Azul - a literatura de *colportage* dos franceses -, que, além de profecias célebres, como as de Nostradamus, Thomas Joseph e outros, divulgava presságios baseados em supostas observações de fenômenos naturais: condição do tempo, características da lua, do sol etc. A escatologia medieval no plano do messianismo vai tomar duas vias: a primeira está associada aos textos sibilinos da tradição greco-judaica; a segunda refere-se principalmente ao tema do "rei dos últimos dias", que vai ligar-se ao Apocalipse de São João. É justamente esta última corrente que encontramos na literatura de cordel.

A idéia do Apocalipse sobrevive e brota espontaneamente sempre que há uma ocasião propícia para que ela se manifeste. A partir do momento em que uma ruptura parece produzir-se no tempo histórico, os sinais precursores do fim do mundo são descobertos. O profetismo dos séculos XIII e XIV está relacionado às perspectivas escatológicas. A volta de Cristo se prepara e tudo se ordena com seu advento. Todos os visionários denunciam a decadência religiosa e formulam apelos em favor da penitência. Encontramos neles idênticas referências à desordem social, à falta de vida espiritual de certos sacerdotes, à ignorância do povo. Essas mesmas referências são feitas pelos poetas nordestinos em suas profecias sobre o fim do mundo. O número de poemas dedicados de uma forma ou de outra às profecias é relativamente importante: 4 a 5 por cento, segundo Raymond Cantel. Essas profecias têm caráter eminentemente moralista, conservador e católico e devem à figura do Padre Cícero o seu sucesso sempre renovado e o seu alto índice de vendagem, constituindo um bom filão, que certos poetas não têm deixado de explorar.

Depois da desesperada fé na volta de D. Sebastião, revivida nos episódios que culminaram com a guerra de Canudos, as esperanças do povo nordestino concentraram-se no Padre Cícero. Sua mensagem se manifesta por meio de carta, de sonho ou do próprio aparecimento do "santo" a certos fiéis privilegiados, como no poema *Em defesa do Padre Cícero*, de

Expedito Sebastião da Silva (faixa 8).

À noite quando eu dormia
Sonhei chegar de repente
Um padre muito velhinho
E me dizer sorridente:
Meu filho, eu quero lhe dar
Um valioso presente.

As profecias referem-se sempre à iminência do juízo final, que será precedido de fortes cataclismas e turbulências cósmicas. Também a depravação dos costumes aparece aos olhos dos poetas populares como o sinal do triunfo de satanás, a "besta-fera", o "capa-verde" de que falava o "padrinho", prenúncio do fim do mundo:

O capa-verde infernal
Mensajeiro do dragão
Quebrou as cordas e soltou-se
Tentando todo cristão
Na roça e na capital
Jogou todo o pessoal
Na vala da perdição (6)

O poeta popular denuncia os descaminhos da sociedade e todas as modas, que, no seu entender, concorrem para a decadência dos costumes e ameaçam os valores morais consagrados: minissaia, cabelo de "playboy", cinema, dança, adultério etc. E assim, como autêntico representante das aspirações do seu povo, é que ele realiza a "tensão poética" de que falava Menéndez Pidal, dizendo o que seu público quer ouvir, da maneira como ele quer ouvir, continuando a obra dos jograis de todos os tempos: a recriação da tradição oral, a alma vivificadora da literatura popular.

Lêda Tâmega Ribeiro

NOTAS

(1) *Mito e Poesia Popular*. Monografia vencedora do Concurso Sílvio Romero do Instituto Nacional do Folclore em 1985.

(2) *Poesía Juglaresca Y Orígenes de Las Literaturas Románicas*. Madrid, Instituto de Estudios Políticos, 1957.

(3) Raymond Cantel, "Les prophéties dans la littérature populaire du Nordeste" *Caravelle; Cahiers du Monde Hispanique et Luso-Brésilien*, Toulouse, Univ. de Toulouse, no. 15, 1970.

(4) Ralph Della Cava. *Milagre em Joazeiro*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.

(5) João de Cristo Rei. *Profecia, Aviso e Morte de Padrinho Cícero*.

(6) Antonio Teixeira. *O Anti-Cristo no Mundo*.

1 OS SACRIFÍCIOS DE SÃO CÍCERO ROMÃO (canção)

Autor e intérprete *Rouxinol do Norte*

Rouxinol do Norte é José Luís da Silva, cantador alagoano nascido em 21 de junho de 1936, em São Miguel dos Campos. Reside atualmente em Maceió. A canção aqui apresentada, em gravação feita por Aloysio de Alencar Pinto em 1977, foi publicada em folha solta no ano seguinte. Rouxinol do Norte é autor de diversas canções, mas sua atividade principal é a de violeiro repentista. Transcrição revista pelo autor.

Em mil oitocentos
E quarenta e quatro
Dia vinte e quatro
De março, verão
O mundo alegrou-se
E um anjo desceu
Foi quando nasceu
O Cícero Romão

Ele foi batizado
A oito de abril
No nosso Brasil
Crato foi o canto
Na mesma cidade
Alguém maltratava
Porque não pensava
Que Cícero era santo

A quinze de agosto
Naqueles momentos
De mil oitocentos
E cinqüenta e seis
Fez a comunhão
Sem pensar em risco
E a São Francisco
Seus voto ele fez

Foi pra Fortaleza
Com bom ideal
Naquele local
Foi pra o seminário
Trinta de novembro
Em dezoito setenta
A história comenta
Tornou-se um vigário

Com vinte e seis anos
Já padre formado
Até batizado
Proibiram fazer
Um Papa de Roma
Mandou empatar
Ele não casar
E nem missa dizer

Quarenta e dois anos
Passou proibido
Mas não dava ouvido
E nem dava atenção
Rezava pra Deus
E os santos verdadeiros
Para seus romeiros
Dava confissão
Meu Padrinho Cícero

Enquanto viveu
Lhe apareceu
Muitos sacrifícios
Quem lhe criticava
Ele nada dizia
E o mal que fazia
Era benefícios

Com noventa anos
Que tinha de idade
Pra eternidade
Ele se dirigiu
O Brasil perdeu
O primeiro romeiro
Deixou Juazeiro
E para o céu subiu

Foi a trinta e quatro
A vinte de julho
Cresceu o orgulho
Do adulto infantil
Todos invadiam
Junto com a madre
Pra beijar a padre
Santo do Brasil

Dom Carlo Duarte
E o Papa Leão
Pra Cícero Romão
Não acharam pecado
De sessenta e nove
A setenta e três
Ele desta vez
Foi canonizado

Povo brasileiro
Que confia em Deus
Pra os seus e pra os meus
Pra os pais, pra os avós
Meu padrinho Cícero
Envolvido em um véu
Hoje está no céu
Rogando por nós

Já foi decretada
A lei federal
Para o pessoal
De nossa nação
Quem quer ser feliz
Leve um livrinho
Não chamem padrinho
É São Cícero Romão
Quem quer ser feliz

Adquira um livrinho
Não chamem padrinho
É São Cícero Romão

2 HOMENAGEM AO PADRE CÍCERO ROMÃO BATISTA, PATRIARCA DE JUAZEIRO (canção)

Autor e intérprete *Caetano Cosme da Silva*

Caetano Cosme nasceu em um engenho em Nazaré da Mata (PE) a 25 de novembro de 1927 e reside atualmente em Itabaiana (PB). Alfabetizou-se aos 15 anos de idade, começou a publicar folhetos em 1950 e trabalhou na Tipografia Luzeiro do Norte, de João José da Silva. Manteve por algum tempo uma banca de folhetos e raízes na feira de Campina Grande (PB). Poeta de bancada que costuma apresentar suas obras cantando, é autor de folhetos muito conhecidos, como *Jerônimo*, *o Herói do Sertão*, e *A Louca do Jardim*. A canção *Homenagem ao Padre Cícero Romão Batista* foi publicada na Folha de Itabaiana. Transcrição revista pelo autor.

Meu padrinho Padre Cícero
Lá do Juazeiro
O povo romeiro
Lamenta a ausência
Tenha paciência
Ele voltará
Quando Jeová
Der-lhe nova existência

Ele em trinta e quatro
Fez uma viagem
Buscando a rodagem
Da mansão sagrada
A Virgem Imaculada
Mãe do Salvador
Disse: vem, bom pastor
Alma purificada

Ele ficou na glória
Com o Pai e com riso
Lá no paraíso

Tendo a salvação
Com o poder na mão
De reencarnar
E continuar
Esse velho sermão

A morte é honesta
Sincera e pacata
Quando ela maltrata
É por obrigação
E por sugestão
Matou Cristo e Pilatos
Com o mesmo maltrato
E a mesma razão

E da mesma forma
Matou meu padrinho
O antigo velhinho
Lá do Juazeiro
Aquele cordeiro
Semente bem

Brevemente ele vem
Ver seu povo romeiro

Com paz e com riso
Ele voltará
E o meu Ceará
Gozará nova sorte
O golpe da morte
Tirou-lhe a matéria
E sua alma sincera
Permanece forte

A reencarnação
Já não é novidade
Visto a necessidade
Da segunda vida
É ordem concedida
De quem nos formou
E aqui nos deixou
Até outra partida

E assim meu padrinho
Voltará de novo
Para que o povo
Ouça seu sermão
E a confissão
Feita com fé e calma
Que defende a alma
Da condenação

Quando meu padrinho
Daqui fez partida
Trocou essa vida

Por uma sem dor
Caiu uma flor
De sua santidade
Deixando saudade
Do velho pastor

No dia em que ele
Desapareceu
A terra gemeu
Anunciando a morte
Do pastor mais forte
Depois de Jesus
Que veio trazer luz
Para o povo do norte

A beata Mocinha
Lá do Juazeiro
Disse a um romeiro
Que o meu padrinho
Já vinha em caminho
Da segunda vida
Trazendo em seguida
Paz, riso e carinho

Depois da passagem
De Frei Damião
Entrará em ação
O antigo pastor
Com o mesmo valor
Na segunda vida
Trazendo em seguida
Paz, riso e amor

3 PROMESSA AO PADRE CÍCERO (canção)

Autores *João Bandeira e Geraldo Amâncio*

Intérprete *João Bandeira*

João Pereira das Caldas, conhecido como João Bandeira, nasceu em Patos (PB) em 16 de abril de 1944, neto de Manuel Galdino Bandeira e irmão de Pedro, Francisco e Daudete Bandeira, todos cantadores. Reside atualmente em Juazeiro do Norte (CE), onde, além de participar de cantorias, no sertão, e de programas radiofônicos, escreve "poesia matuta". Já participou de alguns discos de cantoria.

Eu fiz uma promessa outro dia
Ao meu Padre Cícero Romão
Prometi se alcançasse o milagre
Pagaria com esta canção

E depois desta graça alcançada
Entendi do milagre o conforto
Agradeço rezando pra ele
Lá na santa igrejinha do Horto

Seu retrato conservo em meu quarto
Sua estátua de santo respeito
Onde ando conduzo comigo
Sua santa medalha em meu peito

Quem confia no meu Padre Cícero
Dos milagres de Deus não duvida
Nunca mais faltará quem lhe ajude
Nos momentos difíceis da vida

Tenha fé, venha olhar e visite
Sua estátua sagrada no morro
E pagar como eu já paguei
A promessa que fiz no Socorro

Padre Cícero e a Virgem das Dores
São meus santos, meus advogados
São dois guias e duas estrelas (bis)
Nos caminhos dos seus afilhados

4 EM JUNHO/EM JUAZEIRO (benditos)

Autor desconhecido

Intérpretes *Cleonice dos Santos, Manoel dos Santos, Maria do Socorro e Maria Quitéria dos Santos*

As duas peças desta faixa integram o repertório dos intérpretes acima indicados, que têm entre 11 e 13 anos de idade e cantam aos pés da estátua do Padre Cícero em Juazeiro do Norte. Estes "benditos do meu padrinho Cícero", como são chamados pelos intérpretes, foram aprendidos de um folheteiro que costumava freqüentar o local, vendendo os livrinhos que ele mesmo anunciava cantando. O bendito *Em junho* foi composto em sextilhas setissilábicas, a forma predominante nos folhetos, e tudo faz crer que se trate de uma

poesia impressa, aprendida de ouvido pelas crianças moradoras do local, e divulgada oralmente, conforme a prática de transmissão da poesia popular. Transcrição conferida junto aos intérpretes.

EM JUNHO

Em junho de trinta e quatro
No dia vinte do mês
Às sete horas da noite
Um pouco antes talvez
Se via meu padrinho Cícero
Pregar pela última vez

Falou com voz poderosa
Dizendo: agora é preciso
Me operar dos meus olhos
Por isso dou esse aviso
Se você não me ver mais
Até o dia de Juízo

Ó meu amado romeiro
Louve a Deus nas alturas
Nosso Senhor vai chamando
O nome das criaturas
De um a um vai levando
Escolhendo as almas puras

Botou as mãos para o céu
Com dor em seu coração
Fez uma cruz para o mundo
Rezando a oração
A mesma que ele ensinava
Quando botava a bênção

Dizendo: meus amiguinhos
Breve vou me arretirar

Porque minha Mãe das Dores
Já vai me mandar chamar
Levo saudade de todos
Adeus, meu santo lugar

Adeus santa igreja
Aonde eu já celebrei
Adeus, adeus, estação
Aonde eu m'ajoelhei
Subindo a serra do Horto
Um lugar que tanto amei

Se passaram pouco dias
Quando ninguém esperava
Pela rua da cidade
Uma notícia vagava
Na data vinte de junho
Meu padrinho expirava

Em uma escada de luz
Seguiu para outra vida
Para rogar a Deus por nós
Por sua terra querida
Deixando muita saudade
Deu adeus por despedida

O céu encheu de alegria
A terra emudeceu
Os anjos no céu cantaram
Na hora em que ele morreu
O povo ficou de luto
A cidade entristeceu

Meu padrinho lá no céu
Guarde pra nós um cantinho
Na hora de nossa morte
Aluminaí os caminhos
Feliz de quem veste luto
Na missa de meu padrinho

Meu padrinho está no céu
Todo cercado de luz
Juntinho com Nossa Senhora
O Coração de Jesus
Juntinho com Nossa Senhora
O Coração de Jesus

Viva meu Padrinho Cícero!
Viva Nossa Senhora das Dores!
Viva meu Padrinho Cícero!

EM JUAZEIRO

Em Juazeiro meu padrinho Cícero Romão
Foi protetor dos povos do mundo inteiro
Está no céu enviando as santas bênçãos
Esse bendito deixou para os seus romeiros

Em trinta e quatro meu padrinho se mudou
E deixou dito que avisite seu lugar
Agora envia esse aviso aos seus romeiros
Nosso padrinho é quem vai abençoar

Nosso padrinho viveu noventa anos
Aconselhando com sinal da água benta
Naquele tempo avisava os seus romeiros:
Tenha cuidado na ladeira de oitenta

O que padrinho disse no tempo passado
Que já se viu, está se vendo e vai se ver
Que já chegou o sinal do fim da era
E está no tempo do povo se arrepender

Chegou a fome, chegou a carestia
Chegou a guerra, o desastre e os horrores
Chegou a seca, os temores e os sofrimentos
O padecimento e o príncipe das dores

Vamos pedir a meu Padre Cícero Romão
Pra defender do laço da besta feroza
Pra ajudar a nós subir esta ladeira
Com os horrores que virão no fim da era

Receba a bênção que meu padrinho deixou
A oração, o retrato e o bendito
Que nos protege com a Mãe das Dores
Na outra vida nos dê a salvação

Viva meu padrinho Cícero!
Viva Nossa Senhora das Dores!
Viva meu padrinho Cícero!

5 SEXTILHAS

Intérpretes *João Furiba e Silvio Grangeiro*

Dos gêneros poéticos da improvisação, as sextilhas são o mais usado; abre as sessões de cantoria e possui a maior variedade de toadas próprias. Como em qualquer gênero de

improvisação, as sextilhas estendem-se por um tempo que pode variar de quinze minutos até meia hora ou mais.

Sua inclusão em disco, por esse motivo, exigiu cortes. João Batista Bernardo, conhecido como João Furiba, nasceu em Taquaritinga (PE), em 4 de julho de 1931, e reside atualmente em Sumé (PB). Silvio Grangeiro é o nome artístico de Expedito Alves Grangeiro, nascido em Abaiara (CE), residente em Juazeiro do Norte. Começou a cantar em Dourados (MS) e permaneceu por sete anos em Andradina (SP), onde se dedicava à música sertaneja. Ambos os cantadores participam de programas radiofônicos, de cantorias em quase todo o Nordeste e têm discos gravados.

- | | | |
|----|---|---|
| JF | Em outubro o povo vem
Os caminhos de romeiros
Oferecer o que sabem
Aos outros companheiros
Rezar, fazer penitência
Com corações verdadeiros | E sua mão santa tirou |
| SG | Nesses nossos tabuleiros
Já teve gente perdida
Mas quando rezou pro Padre
Achou logo uma saída
Voltou pra casa de novo
E hoje está na boa vida | JF Sua vida ele passou
Fazendo aqui devoção
Ganhava de um, dava a outro
Que tinha mais precisão
Agradecia pra Deus
Com Cristo no coração |
| JF | Sua hóstia oferecida
Vindo da palma da mão
Fazia se arrepender
O mais brutal coração
Amansou dois cangaceiros
Jararaca e Lampião | SG Duma mão pra outra mão
Como quem dava receita
Pegava com a esquerda
Estendia a direita
Que sua passagem na terra
Foi pra tirar uma empreita |
| SG | A sua imaginação
Pra nós nunca se apagou
Mulher que caiu em poço
Também não se afogou
Se valeu do Padre Cícero | JF Combatia o nova-seita
Aconselhava o crente
E o presbiteriano
Deixava mais consciente
Foi apóstolo do Brasil
Anjo do Onipotente |
| | | SG Foi ele um padre excelente
Do presente e do passado
Combateu a injustiça |

Orientou o errado:
Endireitai as vereda
E olhai o Livro Sagrado

- JF Onde ele foi ordenado
Sua estátua ainda está
Na cidade de Olinda
Quem quiser saber vá lá
Ele ordenou-se em Olinda
E veio morar no Ceará

SG Hoje o Ceará está
Completo, sem um defeito

6 OITO PÉS A QUADRÃO/DEZ PÉS A QUADRÃO

Intérpretes *João Bandeira e Silvio Grangeiro*

Na grande variedade de gêneros de improvisação da cantoria, encontram-se as formas do canto alternado (como sextilhas, gemedieiras, oito pés a quadrão etc.) e as formas dialogadas (como mourão de 5 pés, mourão de 7 pés, dez pés a quadrão etc.), em que os repentistas exibem seus dotes poéticos dentro de regras formais rigidamente estabelecidas.

- | | | |
|----|--|--|
| SG | Pra quem vem fazer pesquisa
Aqui a gente indeniza
Abre a boca e improvisa
Com o Padre Cícero Romão
Que é filho da região
E foi santo de Juazeiro
E é santo para o romeiro
Nos oito pés de quadrão | A Virgem da Conceição
Vai na sua companhia
Toda noite e todo dia
Nos oito pés a quadrão |
| JF | Combatia o nova-seita
Aconselhava o crente
E o presbiteriano
Deixava mais consciente
Foi apóstolo do Brasil
Anjo do Onipotente | SG No tempo da romaria
Chega de carroceria
Gente vem da freguesia
Para fazer oração
Tanto ônibus e caminhão
No Juazeiro do Norte
Provando que o padre é forte
Nos oito pés de quadrão |
| JB | No Nordeste brasileiro
Esse padre é verdadeiro
É melhor do que dinheiro
E é sagrada a sua mão | |

E às graças do Padre Cícero
Fez Ceará desse jeito
O Ceará tá alegre
E Juazeiro satisfeito

- JF Eu carrego no meu peito
A medalha e um cordão
E mais um rosário azul
Da cor da santa mansão
Com a estátua chamada

JB A sua bênção dá sorte
Levando como um transporte
Defende gente de morte
De tombo de caminhão
Como a maior proteção
O padre do Juazeiro
É quem abraça o romeiro
Nos oito pés a quadrão

SG É amigo o tempo inteiro
Do matuto e do roceiro
Nunca ligou pra dinheiro
Só ligou pra seu bastão
Pra livro e pra oração
E para a palavra sagrada
Crê em Deus, não teme a nada
Nos oito pés de quadrão

JB A casa não está trancada
A batina está guardada
E todo dia é visitada
Por gente da região
Que beijando seu bastão
Se ajoelha em sua cama
Gente nenhuma reclama
Nos oito pés a quadrão

SG Quem está com os pés na lama
Acha que a vida lhe inflama
Se ajoelha e chama
Seu nome com devoção
Bota o rosário na mão
E sai rezando contrito
Olhando pra o infinito
Nos oito pés de quadrão

JB Lá o quadro é bem bonito
Que o povo reza bendito
Vem João e vem Benedito
Vem Francisco e Bastião
Tudo se encosta no chão
Da casa que ele morava
É do lugar que ele rezava
Cantando oitavo a quadrão

SG Quando ele aqui pregava
Só a doutrina ensinava
O povo acompanhava
Quase em toda região
E Padre Cícero Romão
Pra nós não morreu ainda
Vamo aguardar sua vinda
Nos oito pés de quadrão

JB Sua luta não se finda
Sua mensagem foi linda
E a natureza lhe brinda
Jesus lhe estendendo a mão
Ele dava a comunhão
E a hóstia se converteu
E o nome está no museu
Nos oito pés a quadrão

SG Muitos com ele aprendeu
JB Rezar e se confessar
SG Ver o erro e perdoar
JB Foi um dom que Deus lhe deu
SG Foi isso que aconteceu
JB E a sua educação
SG A força da oração
JB Por isso ele é respeitado
SG E todo o tempo está lembrado
SG e JB E lá se vão dez a quadrão

JB O seu túmulo é visitado
SG Por romeiros lá de fora
JB Na paz de Nossa Senhora
SG Na bênção do Pai Amado
JB Lá ele está sepultado
SG E a alma fora do chão
JB O povo estendendo a mão
SG Botando florzinha em cima
JB E todo mundo lhe estima
SG e JB E lá se vão dez a quadrão

SG Ele merece uma rima
JB Um verso de improviso
SG Retirado do juízo
JB Dum vate que canta o clima
SG Vê a estátua e se aproxima
JB Silvío Grangeiro e João
SG Com os rosários na mão
JB Do jeito de João Bandeira
SG E sou feliz a vida inteira
SG e JB E lá se vão dez a quadrão

JB Por aqui chega a romeira
SG De Alagoas um estado
JB De Paraíba de lado
SG Piauí a vida inteira
JB Pernambuco é de primeira

SG De Sergipe e Maranhão
JB Piauí na região
SG Todo mundo lhe visita
JB De Pernambuco e Serrita
SG e JB E lá se vão dez a quadrão

SG A mulher reza contrita
JB O velho reza também
SG Diz: Padre Cícero inda vem
JB Coloca um laço de fita
SG Vamos esperar a visita
JB Segura a vela na mão
SG E Padre Cícero Romão
JB Disse que está no céu
SG E pra nós envia um troféu
SG e JB E lá se vão dez a quadrão

JB Eu já beijei seu chapéu
SG Eu já peguei seu sapato
JB Eu guardei o seu retrato
SG Eu me enrolei com seu véu
JB O seu manto é um troféu
SG Eu beijei na sua mão
JB Segurei no seu bastão
SG E agora estou satisfeito
JB Lhe guardo dentro do peito
SG e JB E lá se vão dez a quadrão

7 VIDA, SOFRIMENTO E GLÓRIA DO PADRE CÍCERO ROMÃO (poema)

Autor e intérprete *Geraldo Amâncio*

Este poema, inédito, tem ao todo 33 estrofes narrando a vida do Padre Cícero, das quais são aqui apresentadas apenas as vinte primeiras. Geraldo Amâncio Pereira, seu autor, nasceu em 29 de abril de 1946 em Cedro (CE) e reside atualmente em Juazeiro do Norte. O repentista, consagrado nos festivais e congressos de cantoria da década de 70,

participa de programas radiofônicos e de cantorias em quase todo o Nordeste, tendo também gravado em disco e publicado alguns folhetos. Foi conservada a grafia dos originais manuscritos do autor.

Peço a Deus que é luz e vida
Santidade e perfeição
Idéia para que eu possa
Cantar numa descrição
Nascimento, vida e glória
Do Padre Cícero Romão

Nasce em mil e oitocentos
É quarenta e quatro o ano
A vinte e quatro de março
Por força do Soberano
Para semear o bem
Nesse mundo desumano

Seu Joaquim Romão Batista
Foi o pai que lhe gerou
A mãe Joaquina Vivença
Na intimidade Quinô
Casal humilde e devoto
Que sempre a Deus respeitou

Ainda em quarenta e quatro
No dia oito de abril
Foi batizada a criança
De uma saúde viril
Pra ser depois o maior
Taumaturgo do Brasil

Era dado a caminhadas
Pelos vales verdejantes
Gostava de observar
As aves esvoaçantes

Revelando o que faria
Depois por seus semelhantes

Cícero com 7 anos
Para estudar se dispôs
O seu pai de colera morbus
Faleceu em sessenta e dois
Seus sofrimentos maiores
Estavam pra vir depois

Tinha Cícero Romão
Uma pequena estatura
A tez branca, olhos azuis
Cabelos de cor escura
E o coração uma fonte
De fé, perdão e ternura

Com o mesmo sacerdote
Que um dia lhe fez cristão
Ele fez aos 12 anos
A 1ª comunhão
Cuja hóstia lhe inspirou
Pra santa religião

Freqüentador da Igreja
Aonde encontrava paz
Auxiliava o vigário
Nas tarefas principais
Desde jovem já mostrava
Os seus dons sacerdotais

Susta os estudos à força

Ao ficar na orfanidade
De Seu Antônio Luís
Chega a generosidade
Com sua ajuda ordenou-se
Aos 26 de idade

Já feito padre regressa
Ao Cariri, sul do estado
Celebra a 1ª missa
Em Crato, onde foi criado
Para depois tomar conta
De um pequeno povoado

No povoado existia
Mais de um pé de juazeiro
Cujas sombras davam abrigo
A tudo que era tropeiro
Ali se instala o apóstolo
Carismático e verdadeiro

Ali dorme o Padre e sonha
E no meio do sonho via
Um bloco de 13 homens
Que de branco se vestia
Como se fossem profetas
Tendo Cristo como guia

No sonho viu outro grupo
De pessoas que chegou
Famintos, roupas em trapo
Que a mão do tempo rasgou
E os olhos fontes de pranto
Onde a miséria aportou

Cristo a todos se dirige
Sem sofisma e sem apodos
E disse chegou o tempo
De vos tirar dos engodos

Farei o que for possível
Para a salvação de todos

Esse quadro de visão
Em descrever me comovo
Apontando para os pobres
Cristo se vira de novo
E disse você padre Cícero
Tome conta desse povo

O sacerdote desperta
Resoluto e resolvido
Traz a mãe e as irmãs
Pra o povoado esquecido
E dá início à missão
Para a qual estava incumbido

Chegou reformando os hábitos
Que tinham os maus elementos
Rezando e aconselhando
Ministrando Sacramentos
Servindo a tudo e a todos
Sem exigir pagamentos

Dizia a mancha da alma
Com oração se desfaz
Quem roubou nunca mais roube
Quem matou não mate mais
Sigamos o chamamento
Do reino da santa paz

Era o Padre do perdão
Era a nova profecia
A luz da esperança nova
No vale resplandecia
Aí começaram os tempos
De fiéis e romarias

8 EM DEFESA DO PADRE CÍCERO (folheto)

Autor e intérprete *Expedito Sebastião da Silva*

A cantoria de folhetos decorados e sua recitação são práticas que entraram em decadência, sobretudo com a difusão das canções. Contudo, enquanto mecanismos de transmissão oral, integraram e ainda integram, em menor proporção, o circuito de divulgação da poesia popular. Expedito Sebastião da Silva nasceu em Juazeiro do Norte em 20 de janeiro de 1928. Trabalhou com José Bernardo da Silva na Tipografia São Francisco, naquela cidade, e ainda hoje é responsável por ela, apesar da mudança de proprietário. É exclusivamente um "poeta de bancada", autor de um número expressivo de folhetos impressos. O folheto apresentado, publicado em Juazeiro do Norte, com data de 17 de abril de 1983, sofreu corte de duas estrofes, por motivos técnicos. Foi mantida a grafia do autor tal como aparece no folheto.

Não sei como neste mundo
Um infame cafajeste
Fala mal do Pe. Cícero
"O Apóstolo do Nordeste"
O qual rogando por nós
Vive no reino celeste

Porque um herege desses
De instinto de Caím
Se quer ser bom escritor
Não difame tanto assim
O Pe. Cícero Romão
Em um livro tão ruim

Se quis escrever um livro
Sobre o nosso conselheiro
Porque pra fazer pesquisa
Aqui não veio primeiro
Pra saber quem foi em vida
O Santo de Juazeiro?

Mas você como um herege
Não teve a satisfação
De preservar de perto
O Pe. Cícero Romão
Se tivesse o conhecido
Tinha outro coração

O Pe. Cícero viveu
Sem ofender a ninguém
A sua santa conduta
Uma só mancha não tem
Mas gente como você
Persegue e odeia o bem

Noventa anos viveu
O Pe. Cícero Romão
Mostrando com bons conselhos
O trilho da salvação
Com milagres conduzindo
Hereges a convenção

Depois que ele morreu
Aqui se faz aumentar
Grande número deromeiros
Que vem promessas pagar
Devido a grandes milagres
Que ninguém sabe somar

Certo dia em Juazeiro
Chegou um rico senhor
Diante a bela estátua
Do nosso amável pastor
O ar dele demonstrava
Surpreendente temor

Sem aqui conhecer nada
Pois de muito longe vinha
Olhando o cofre fechado
Chegou-se a uma velhinha
E perguntou se sabia
Quem as chaves dali tinha

A velhinha respondeu:
O tesoureiro inda agora
Abriu o cofre e tirou
O que tinha e foi embora
Na rua do meu Padrim
É aonde ele mora

E a velha direitinho
A casa lhe ensinou
O homem tomando o carro
Pra lá ligeiro rumou
Logo que chegou à rua
A casa fácil encontrou

Chegando ele na porta
Na campanha tocou

Segundos depois na sala
Um homem se apresentou
O qual com educação
Pra sentar-se o convidou

Sentando-se o homem disse
Eu peço perdão, amigo
De perturbar-lhe o sossego
Nesta hora em seu abrigo
Mas um mistério forçou-me
Aqui vir falar consigo

Resido lá em S. Paulo
Porém sou um nordestino
Pois para ali me levaram
Quando eu era menino
Lá ao me tornar adulto
Segui meu próprio destino

Nos livros religiosos
Me aprofundi bastante
E da bíblia me tornei
Um conhecedor brilhante
Hoje ali numa colônia
Sou um pastor protestante

E quando a esse respeito
Mamãe soube aqui no norte
Se fez logo contra mim
Uma adversária forte
Nas cartas que me mandava
Maldízia a minha sorte

E faz um mês mais ou menos
Que ela me escreveu
Em cuja carta dizia
Todo sentimento seu

O que ela ali narrava
A mim muito comoveu

Dizia ela na carta
Já no fim da narração:
Quando eu morrer, a dor
Que levo no coração
É em deixar-te, meu filho
Nessa tal religião

Logo após fui para um quarto
E de joelhos me pus
Lá a Deus pedi um sonho
Mostrando-me clara a luz
Das religiões qual era
Que agradava a Jesus

À noite quando eu dormia
Sonhei chegar de repente
Um padre muito velhinho
E me dizer sorridente:
Meu filho, eu quero lhe dar
Um valioso presente

Você vá a Juazeiro
Estado do Ceará
Bem em frente do Socorro
Uma grande estátua há
O presente que lhe dou
Está em um cofre lá

Arrumei minha bagagem
E parti no outro dia
Chegando nesta cidade
Que de nada conhecia
Fui à igreja do Socorro
Como o padre me dizia

E quando eu com o guia
Naquela igreja cheguei
Surpreso, diante a ela
A dita estátua avistei
E quando lá vi o cofre
Mais me impressionei

Crendo que ali existe
Um mistério do além
Vim lhe pedir por favor
Como um cidadão de bem
Para ir abrir o cofre
Pra ver o que dentro tem

O tesoureiro lhe disse:
Como quer, consigo irei
Porém há pouco, do cofre
O que havia tirei
E dentro dele trancada
Coisa alguma não deixei

Aí os dois em um carro
Para a igreja seguiram
E assim que lá chegaram
Que o dito o cofre abriram
Pra surpresa dentro dele
Um lindo rosário viram

Então pegaram o rosário
E ficaram a empurrar
Pela brechinha do cofre
Pra ver se podia entrar
Mas as contas eram grandes
E não podiam passar

De joelhos sobre a terra
Nesta hora o protestante

Pôs no pescoço o rosário
Dizendo naquele instante:
Voltarei a ser católico
Destá hora por diante

Será que este milagre
Por muitos presenciado
Bem em frente da estátua
Do nosso padre estimado
Seja por um biltre sujo
Cinicamente negado?

Eu só queria saber
Como é que um sujeito
Faz livro contra um padre
Sem esse mal ter lhe feito
Será que tem dele inveja
Com um rebelde despeito?

Será que este escritor
Que talvez certo não gira
Para escrever um livro
Sem remorso se inspira
Na vida dum santo padre
Pra manchá-lo com mentira?

Porém pode ficar certo
Escritorzinho vulgar
Um tipo como você
Jamais poderá manchar
A memória de um padre
Que só veio o bem plantar

Se você em sua vida
Já foi padre, me admira

Será o que aprendeu
Foi incentivar a ira
E escrever contra um Santo
Um livro só de mentira?

O clero que nos conduz
Para o caminho celeste
Sei que não dará apoio
A um sujo cafajuste
Que difama com mentiras
"O Apóstolo do Nordeste"

A favor do Pe. Cícero
Do Juazeiro do Norte
Estou para defender
Como um batalhador forte
Se for preciso por ele
Troco a vida pela morte

Obs.: as letras foram transcritas pelo Núcleo de Música do INF

- 1 **Os sacrifícios de São Cícero Romão (canção)**
Rouxinol do Norte 4:47
- 2 **Homenagem ao Padre Cícero Romão Batista, Patriarca de Juazeiro (canção)**
Caetano Cosme da Silva 2:57
- 3 **Promessa ao Padre Cícero (canção)**
João Bandeira 3:02
- 4 **Em junho/Em Juazeiro (benditos)**
Cleonice dos Santos, Manoel dos Santos, Maria do Socorro e Maria Quitéria dos Santos 4:10
- 5 **Sextilhas**
João Furiba e Sílvio Grangeiro 2:55
- 6 **Oito pés a quadrão/Dez pés a quadrão**
João Bandeira e Sílvio Grangeiro 6:41
- 7 **Vida, sofrimento e glória do Padre Cícero Romão (poema)**
Geraldo Amâncio 6:44
- 8 **Em defesa do Padre Cícero, o apóstolo do Nordeste (folheto)**
Expedito Sebastião da Silva 6:03
- 9 **Baião de viola (vinheta)**
João Furiba 0:50

FICHA TÉCNICA ORIGINAL

Gravações *Maceió (AL), agosto de 1977 (faixa 1); Campina Grande (PB), julho de 1985 (faixa 2); Juazeiro do Norte (CE), julho de 1985 (faixas 5 e 8); Rádio Vale do Cariri, em Juazeiro do Norte, julho de 1985 (faixas 3, 4, 6 e 7); Equipamento NAGRA IV, II, SONY TCD 5M e da Rádio Vale do Cariri.*

Pesquisa e edição *Aloysio de Alencar Pinto e Elizabeth Travassos. Núcleo de Música do INF*

Montagem *Antônio Barbosa e Antônio Vicente (Sonoviso)*

Produção *Instituto Nacional do Folclore, Rua do Catete, 179, Rio de Janeiro*
Agradecimentos *Abraão Batista, Átila Augusto F. de Almeida, Dinah Guimaraens, José Alves Sobrinho, Maria de Lurdes Batista, Casa dos Poetas Populares de Campina Grande e Rádio Vale do Rio Cariri.*

ATRAÇÃO FONOGRAFICA

Direção Artística *Wilson Souto Jr.*
Gerente de Produto *Edson Natale*
Masterização *Cia de Audio*
Projeto Gráfico *Click Design Gráfico*
Direção de Arte *Luiz Cordeiro*
Arte Final *Caio Mariano*
Charge *Negreiros*

ESTE CD É UMA REPRODUÇÃO DOS DISCOS DE VINIL E TRAZ NO ENCARTE OS TEXTOS CRÍTICOS E/OU INFORMATIVOS ORIGINAIS. PARA SEU LANÇAMENTO HOVE MINUCIOSO PROCESSSO DE RECUPERAÇÃO E REMASTERIZAÇÃO DIGITAL GRAÇAS AO EMPENHO DA CIA DE AUDIO. EVENTUAIS ALTERAÇÕES NA QUALIDADE DO SOM SÃO INERENTES AO EQUIPAMENTO E ÀS TÉCNICAS DE GRAVAÇÃO DA ÉPOCA.

Escreva para Atracção Fonográfica Ltda. e solicite informações a respeito do nosso catálogo: Av. São Gualter, 1941 - São Paulo - SP - CEP: 05455-002
Tel.: (011) 813-6944 / Fax: (011) 212-9707
Internet: www.atracaoc.com.br / E-mail: atracao@atracao.com.br

O Instituto Itaú Cultural escolheu a recuperação do acervo fonográfico da Funarte como marco de sua atuação na área musical, coerente com o objetivo de contemplar uma das mais ricas vertentes de nossa cultura - a música brasileira - e valorizar a produção cultural pela pesquisa, sistematização e divulgação de suas manifestações nas diversas formas de expressão.

Construído nas décadas de 70 e 80, o acervo é resultado de diferentes séries temáticas de discos originalmente lançados em vinil, abarcando diversas vertentes de nosso universo musical e contemplando tanto a música popular e folclórica quanto a música erudita clássica e contemporânea. É inquestionável a constatação de que, não fora esta ação da Funarte, diversos músicos e composições jamais encontrariam espaço para registro e divulgação.

No início dos anos 90, a falta de diretrizes culturais para o país colocou em risco todo o trabalho anteriormente desenvolvido, levando à perda de boa parte das matrizes das obras produzidas. Graças à parceria estabelecida entre o Instituto Itaú Cultural, a Funarte e a Atração Fonográfica, os discos de vinil coletados entre diferentes colecionadores em diversos pontos do país estão sendo cuidadosamente remasterizados.

Temos, portanto, enorme satisfação em oferecer em compact disc aquele que é, sem dúvida, um dos mais importantes acervos de música brasileira.

- | | | | | | |
|----|--|------|----|--|------|
| 01 | Os sacrifícios de São Cícero Romão (canção) | 4:47 | 05 | Sextilhas | 2:55 |
| | Rouxinol do Norte 67107630
(Rouxinol do Norte) D.R. | | | João Furiba/Silvio Grangeiro 67107486
D.R. | |
| 02 | Homenagem ao Padre Cícero Romão Batista, Patriarca de Juazeiro (canção) | 2:57 | 06 | Oito pés a quadrão
Dez pés a quadrão | 6:41 |
| | Caetano Cosme da Silva 67107559
(Caetano Cosme da Silva) D.R. | | | João Bandeira/Silvio Grangeiro 67107567
D.R. | |
| 03 | Promessa ao Padre Cícero (canção) | 3:02 | 07 | Vida, sofrimento e glória do Padre Cícero Romão (poema) | 6:44 |
| | João Bandeira 67107710
(João Bandeira/Geraldo Amâncio) SICAM | | | Geraldo Amâncio 67107648
(Geraldo Amâncio) SICAM | |
| 04 | Em junho/Em Juazeiro (benditos) | 4:10 | 08 | Em defesa do Padre Cícero, o apóstolo do Nordeste (folheto) | 6:03 |
| | Cleonice dos Santos/Manoel dos Santos
Maria do Socorro/Maria Quitéria dos Santos 67107400
D.R. | | | Expedito Sebastião da Silva 67107729
(Expedito Sebastião da Silva) D.R. | |
| | | | 09 | Baião de viola (vinheta) | 0:50 |
| | | | | 67107419
(João Furiba) D.R. | |

Coleção Musical **Itaú cultural**



MINISTÉRIO DA CULTURA

FUNARTE

LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA



MINISTÉRIO
DA CULTURA

PROTEGIDO NA
ZONA FRANCA DE
REDAÇÃO
COMÉRCIO & ABASTECIMENTO

COMPACT
DISC
DIGITAL AUDIO

Fabricado pela Microservice - Microfílmagens e Reproduções Técnicas da Amazônia Ltda. CGC: 34.525.444/0001-62 - Manaus - sob encomenda de Atracão Fonográfica Ltda. - CGC: 01.252.046/0001-60

